

# MESTRE DIDI

---

**MO KI GBOGBO IN**

EU SAÚDO A TODOS



# MESTRE DIDI

**MO KI GBOGBO IN**

EU SAÚDO A TODOS

CURADORIA DENISE MATTAR E THAIS DARZÉ

07 de abril a 26 de maio de 2018

Galeria Almeida e Dale

PAULO  
DARZÉ  
GALERIA

AD  
Almeida e Dale



Opô Baba N'Laawa, Cetro da Ancestralidade, obra reproduzida em bronze com 7 metros de altura.  
Rua da Paciência, Salvador, BA.

## MESTRE DIDI / MO KI GBOGBO IN EU SAÚDO A TODOS

Em 1915, era publicado em Leipzig, Alemanha, o ensaio *Negerplastik* (Escultura Negra), do poeta e historiador alemão Carl Einstein. Na época o livro foi um marco, porque sua abordagem conferia à arte africana o estatuto de arte de primeiro nível, ignorando a classificação que até então a restringia a mero objeto etnográfico. Einstein fazia uma análise de esculturas, máscaras, efígies, relicários, bustos e cabeças, ressaltando as soluções espaciais encontradas na escultura africana e sua semelhança com as invenções dos modernistas, notadamente as reverberações no Cubismo de Picasso. Percebendo a complexidade da arte africana e a dificuldade de compreensão dos mecanismos de sua construção, recomendava cautela na formulação de opiniões: “Quanto mais me ocupo da arte negra, mais me sinto penetrado de um penoso sentimento de incerteza, que demanda prudência”.

Faço minhas as palavras do crítico, reiterando a complexidade que se oculta na aparente simplicidade da obra de mestre Didi, cujo alcance tenho a consciência de que apenas vislumbrei ao preparar a exposição MESTRE DIDI – MO KI GBOGBO IN (EU SAÚDO A TODOS), realizada em parceria com Thais Darzé, para a Galeria Almeida e Dale.

O título da mostra replica a frase usada por Mestre Didi na abertura de suas falas, em palestras, reuniões e exposições, enfatizando a forma acolhedora com que ele conduziu sua vida e obra. Inquestionavelmente considerado uma das mais importantes lideranças no processo de inserção na sociedade da cultura afro-brasileira, o artista sempre se propôs a juntar as diversidades, sem atritos nem ódios, destacando sua busca pela harmonia.

Nascido em Salvador, em 1917, com o inusitado nome de Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Didi era filho de Maria Bibiana do Espírito Santo, a Mãe Senhora, uma das mais importantes ialorixás do Brasil. Ela foi uma das grandes responsáveis pela legitimação do Candomblé como prática religiosa no país e recebeu, em 1965, o título de *Mãe Preta do Brasil*. Criado no âmago da organização religiosa dirigida por sua mãe, o *Ilê Axé Opô*

*Afonjá*, o jovem Didi incorporou à sua vida uma cosmovisão afro-brasileira, e, bem cedo, viria a ser chamado de Mestre. Vale observar que o Candomblé, deriva das tradições africanas Nagô, recebidas dos escravos oriundos da região do Benin, Nigéria, mas que sua prática se reveste de características rituais próprias que foram incorporadas no Brasil.

Descendente da linhagem dos Asipá, uma das sete famílias fundadoras da cidade de Ketú na Nigéria, Mestre Didi aprofundou com dignidade e sabedoria a intrínseca relação entre ancestralidade e cultura. Seu objetivo era promover a sistematização, conceituação e difusão do patrimônio tradicional Nagô. Para atingir esse intento atuou em três campos interligados, exercendo as atividades de sacerdote, escritor e artista

Como sacerdote Mestre Didi era uma autoridade religiosa indiscutível. Recebeu, ao longo de sua vida, os mais respeitáveis títulos no âmbito do Candomblé, entre eles: Alapini (Sumo Sacerdote do Culto dos Egungun), Assogba (Sumo Sacerdote do Culto Obaluaiyé), Baba Oni Xang (título relacionado à sua família Asipá, conferido pelo Aleketu, rei de Ketú, no Palácio de Ketú, Benin). Conhecia, portanto, profundamente, o universo mítico tradicional africano.

Devido a uma interdição derivada desses cargos religiosos, Mestre Didi não dava entrevistas e preferia registrar por escrito suas reflexões. Em 1946 publicou o vocabulário “lorubá tal qual se fala” e, em 1962, “História de um terreiro Nagô”, prefaciado por Muniz Sodré e Roger Bastide, trabalhos fundadores de estudos universitários na Bahia. A partir de meados de 1960 elegeu como porta-voz sua segunda esposa, a antropóloga Juana Elbein, com a qual realizou trabalhos de pesquisa comparada entre a África Ocidental e o Brasil, referentes à tradição Nagô. Publicou ainda uma longa série de livros de contos afro-brasileiros, entre eles: “Contos Negros da Bahia” e “Contos do Mestre Didi”, dramatizados na série “Origens” da Radio MEC – Fundação Roquete Pinto, em 1980, e “Porque Oxalá usa Ekodidé”, encenado pelo bailarino americano Clyde Morgan, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ, na década de 1970.

Como artista plástico Mestre Didi (Salvador, 1917 – Salvador, 2013) é um dos raros artistas afro-brasileiros que teve um pleno reconhecimento da crítica de arte nacional e internacional. Seu trabalho, ligado aos objetos sagrados do culto do Candomblé, realiza uma síntese expressiva do repertório coletivo da ancestralidade africana, e, ao mesmo tempo, transcende esses códigos permeando-os de criatividade e de um acento brasileiro.

Mestre Didi iniciou sua carreira em 1964, com uma exposição individual na Galeria Ralf, Salvador, seguida de apresentação na Galeria Bonino, RJ. A partir daí passou a expor com regularidade em Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Londres, Nigéria e Paris, destacando-se a Sala Especial dedicada a ele, na 23ª Bienal de São Paulo, 1996. Por ocasião da comemoração dos seus 90 anos, o Museu Afro Brasil, SP, realizou, em 2008, a mostra homenagem: “Mestre Didi: O Escultor do Sagrado”, com curadoria de Emanuel Araújo. O artista também participou de algumas das mais emblemáticas exposições coletivas nacionais e internacionais como “A Mão Afro-Brasileira”, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1988; “Magiciens de la Terre”, no Centre Pompidou, Paris, 1989; “Brazil Body and Soul”, no Guggenheim Museum, Nova York, 2002, entre outras.

A exposição MESTRE DIDI – MO KI GBOGBO IN (EU SAÚDO A TODOS), reúne 49 obras do artista apresentando alguns trabalhos raros, do início da sua produção, como a escultura em madeira *Yao Morogba*, de 1950, e peças realizadas na década de 1960, mas seu foco está concentrado nas obras da década de 1980, período áureo da produção do artista, quando Mestre Didi conseguiu imprimir ao seu processo de recriação das tradições da cultura afro-brasileira uma marca pessoal e inventiva.

Suas esculturas expressam uma forma de pensamento específica, que propõe outra maneira de se relacionar com o real. Ao abordar seu trabalho é preciso ter em mente que a cultura negra é plural, não se compreende como uma unidade oposta ao mundo exterior. Cada ser carrega em si mesmo, a família, os ancestrais e as entidades divinas e integra o mundo trocando com esses parceiros a energia vital. A arte negra é uma expressão disso e está integrada à uma cosmovisão de difícil entendimento no Ocidente, herdeiros que somos do pensamento racional, cartesiano, individualista e pretensioso.

As esculturas de Mestre Didi são realizadas com textura, matéria, formas e cores combinadas de acordo com uma sabedoria iniciática, na qual cada elemento tem um significado. Na definição do próprio artista elas são “recriações” do mundo mítico do Candomblé, que revelam valores estéticos associados ao sagrado, na justa medida em que essa revelação é permitida.

O artista usa como base de seu trabalho as chamadas “ferramentas” do culto do Candomblé: os xaxarás e os ibirís. Suas recriações derivam, majoritariamente, dos emblemas dos orixás do Panteão da Terra, que reúne Nanã e seus filhos míticos: Obaluaiê, Oxumaré e Ossain.

De forma sintética, em acordo com o prof. Roberval Marinho, *Òbàlúaiyé* significa a putrefação, a transformação da matéria, tendo como símbolo o *Sàsàràà*; *Nàná* é a geradora de todas as coisas, tendo como emblema o *Ibirí*; *Òsumaré* manipula as energias que transportam e impulsionam o ciclo vital. Em seu conjunto, enquanto trilogia, esses *Òrisà* transportam o mistério, a morte e a vida (...). *Osáyin* é a entidade das folhas, de virtudes medicinais ou litúrgicas. O seu símbolo é uma haste de ferro, encimada por um pássaro, tendo ao redor seis outras hastes. (SODRÉ, 2006, p. 165-167).

Com relação à forma, as recriações de Mestre Didi expressam a dinâmica de mobilização e circulação do axé (energia vital). Oxumaré, por exemplo, é representado pela cobra píton; a serpente que sai das profundezas da terra, atinge o céu, com o arco-íris, e retorna à terra. Seu movimento está relacionado ao fluxo dos destinos e à diversidade da existência. A partir dessa simbologia Mestre Didi recria as suas próprias serpentes míticas, e elas parecem vivas e frementes em suas contorções vibráteis, emanando pura energia. Da mesma maneira o artista trabalha com os ibirís dando a eles novas configurações e volteaduras, que se sobrepõem à sua estrutura ritual, ou implementando as características sintéticas e hieráticas dos xaxarás.

A utilização das cores em tecidos, roupas, colares e contas aplicadas às ferramentas é outra codificação essencial do Candomblé, pois elas simbolizam a natureza e o poder de cada orixá. Contudo há divergências nas suas classificações de acordo com os diferentes especialistas. Mestre Didi, aprendeu a preparar os xaxarás e ibirís ainda muito jovem, com sua “avó” Aninha e seu pai Arsênio dos Santos, conhecido como “Paizinho”. Dominava, portanto, todos esses códigos e sabia em que medida lhe era permitido dispor do emprego das cores nas suas esculturas.

Outros elementos materiais que constituem as obras de Mestre Didi, também herdeiros das ferramentas mágicas, são os feixes de nervuras de palmeira, que simbolizam a representação coletiva dos ancestrais, o couro, que faz as uniões, e os cauris (búzios) que pertencem à simbologia de Nanã, e são relacionados aos ancestrais. Sua disposição, em cruz, “espinha de peixe”, ou lado a lado, também tem significados; colocados dois a dois, em pares opostos, por exemplo, referem-se aos ascendentes e descendentes, passado e futuro.

A partir da maneira como esses elementos se desenvolvem no trabalho de Mestre Didi podemos dizer, em conformidade com vários estudiosos,

que sua obra escultórica se insere na categoria de Arte Sacra - uma Arte Sacra Afro-Brasileira. Dentro dessa perspectiva podemos traçar um paralelo da produção de Mestre Didi, com os ícones russos, que, igualmente submetidos a uma rigorosa simbologia de formas, cores e materiais, não perderam a força criadora, resultando em muitas obras primas. Entretanto, enquanto que os ícones nos remetem à austeridade do catolicismo, as esculturas de Mestre Didi exprimem a linguagem estética do Candomblé e sua dinâmica de comunicação, colorida, vibrante e calorosa.

Esse é apenas um dos paralelos possíveis (sempre questionáveis) que se poderia estabelecer com a obra de Mestre Didi, mais relacionada a um entendimento cosmológico da vida, compreensão que permeia a arte produzida em  $\frac{3}{4}$  do planeta: entre indianos, africanos, japoneses, chineses, nativos do Brasil, aborígenes da Austrália, etc. Uma visão que a ciência tem, cada vez mais, mostrado estar correta, como bem observa Pierre Gaudibert, no catálogo da exposição “Magiciens de la Terre”:

O planeta Terra não é apenas a “laranja azul” contemplada pelos astronautas, ela é um ser vivo, nos dizem os cientistas, indo ao encontro de algumas crenças longínquas e vivazes do animismo, e de numerosos ensinamentos esotéricos. De qualquer modo ela é regida por mudanças incessantes e se desloca em interação com o conjunto do cosmos. (MARTIN, 1989, p.18).

Para a realização dessa exposição foi essencial contar com os livros: “A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi”, de Jaime Sodré, que, além de estabelecer o percurso de Mestre Didi, transcende a análise da obra do artista, revelando as origens, evolução e características do Candomblé no Brasil, e “Ancestralidade Africana no Brasil – Mestre Didi 80 anos”, de Juana Elbein dos Santos, que, com sua abundante iconografia, permitiu povoar essas informações com imagens.

De grande importância foi também assistir ao vídeo Mestre Didi – Arte Ritual, produzido pelo projeto Arte na Escola, em parceria com o SESC-TV. O documentário, apresentado na exposição, é uma raríssima oportunidade de ver e ouvir Mestre Didi, com suas palavras calmas, olhar doce e mãos sábias.

DENISE MATTAR  
Curadora

In 1915, the essay *Negerplastik* (Black Sculpture), by German poet and historian Carl Einstein was published in Leipzig, Germany. At the time, the book was a milestone because its approach conferred upon African art the first-class art statute, ignoring the classification that had until then restricted it to a mere ethnographic object. Einstein carried out an analysis of sculptures, masks, effigies, reliquaries, busts and heads, emphasizing the spatial solutions found in African sculpture and its similarity to the inventions of Modernists, notably the repercussion in Picasso's cubism. Perceiving the complexity of African art and the difficulty in comprehending the mechanisms of its construction, he recommended caution when forming opinions: "The more I study black art, the more I feel penetrated by a painful feeling of uncertainty, which demands prudence."

I make the critic's words my own, confirming the complexity that is hidden in the apparent simplicity of Mestre Didi's work, the extent of which I am aware to have only envisioned while preparing the exhibition MESTRE DIDI – MO KI GBOGBO IN (MY GREETINGS TO ALL), carried out together with Thais Darzé for the Almeida e Dale Gallery.

The title of this show replicates the phrase used by Mestre Didi as an opening remark in his talks and lectures, meetings and exhibitions, highlighting the welcoming manner in which he conducted his life and work. Unquestionably considered one of the most important leaders in the insertion process of the Afro-Brazilian cultural society, he always attempted to bring together diversities, without discord or hate, emphasizing his pursuit of harmony.

Born in Salvador, in 1917, with the unusual name of Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Didi was the son of Maria Bibiana do Espírito Santo, *Mãe Senhora*, one of the most important *ialorixás* in Brazil. She was one of those who was greatly responsible for legitimizing *Candomblé* as a religious practice in the country, and, in 1965, she received the title of *Mãe Preta do Brasil*. Brought up in the heart of the



YAO MOROGBA  
Senhora do Rei do Oyó, déc. 1950  
Escultura em madeira  
49 x 15 x 12 cm

religious organization run by his mother, the *Ilê Axé Opô Afonjá*, young Didi embodied an Afro-Brazilian cosmic vision in his life, and, still very early came to be called Mestre. It is worthwhile noting that *Candomblé* was derived from the Nagô African traditions, which were inherited from the slaves originating from the region of Benin, in Nigeria, but that its practice is endowed with its own characteristics and rituals that were incorporated in Brazil.

A descendant of the Asipá lineage, one of the seven founding families of the city of Ketú in Nigeria, Mestre Didi, with dignity and wisdom, deepened the intrinsic relationship between ancestry and culture. His objective was to promote the systematization, conceptualization and diffusion of the traditional Nagô heritage. To achieve this, he worked in three interconnected fields, exercising the activities of a high-priest, writer and artist.

As a high-priest, Mestre Didi was an indisputable religious authority. Throughout his life, he was granted the most respectable titles in the *Candomblé* ambit, among which were: *Alapini* (High-Priest of the Egungun Cult), *Assogba* (High-Priest of the Obaluaiyê Cult), *Baba Oni Xang* (a title related to his Asipá family, granted by the Aleketu, king of Ketú, at the Ketú Palace, in Benin). Thus, he had profound knowledge of the African traditional mythical universe.

Due to a ban resulting from these religious positions, Mestre Didi would not give interviews and preferred to record his ideas in writing. In 1946, he published the vocabulary *Iorubá tal qual se fala* (Iorubá as it is spoken) and, in 1962, *História de um terreiro Nagô* (History of a Nagô terreiro), prefaced by Muniz Sodré and Roger Bastide, which are fundamental works in university studies in Bahia. From the mid-1960s, he chose as his spokeswoman his second wife, anthropologist Juana Elbein, with whom he carried out comparative studies between West Africa and Brazil, referring to the Nagô tradition. He also published a long series of Afro-Brazilian storybooks, among which: *Contos Negros da Bahia* (Black Tales of Bahia) and *Contos do Mestre Didi* (Tales of Mestre Didi), dramatized in the series *Origens* (Origins) on Radio MEC – Fundação Roquete Pinto, in 1980, and *Porque Oxalá usa Ekodidé* (Why Oxalá uses Ekodidé), enacted by American dancer Clyde Morgan, at the Federal University of Bahia, in Salvador, and at the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro, RJ, in the decade of 1970.

As a visual artist Mestre Didi (Salvador, 1917 – Salvador, 2013) is one of the rare Afro-Brazilian artists to receive full recognition from national and

international art critics. His work, connected to sacred objects in the *Candomblé* cult, accomplishes an expressive synthesis of the collective repertoire of African ancestry, and, at the same time, transcends these codes, permeating them with creativity and a Brazilian accent.

Mestre Didi began his career in 1964, with a solo exhibition at the Ralf Gallery, in Salvador, followed by a show at the Bonino Gallery, in Rio de Janeiro. After this, he began to exhibit regularly in Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, London, Nigeria and Paris, highlighting the Special Room dedicated to him at the 23<sup>rd</sup> Biennial of São Paulo, in 1996. On the occasion of the celebration of his 90<sup>th</sup> birthday, in 2008, the Afro-Brazil Museum in São Paulo, honored him with an exhibition: *Mestre Didi: O Escultor do Sagrado* (Mestre Didi: The Sacred Sculptor), under the curatorship of Emanuel Araújo. The artist also participated in some of the most emblematic national and international collective exhibitions, such as *A Mão Afro-Brasileira* (The Afro-Brazilian Hand), at the Museum of Modern Art of São Paulo, 1988; *Magiciens de la Terre*, at the Pompidou Center, in Paris, 1989; *Brazil Body and Soul*, at the Guggenheim Museum, in New York, 2002, among others.

The exhibition, MESTRE DIDI – MO KI GBOGBO IN (MY GREETINGS TO ALL), brings together 49 works by the artist, some of them rare, from the beginning of his production, such as the sculpture in wood *Yao Morogba*, from 1950, and pieces produced in the decade of 1960, but its focus is concentrated on works from the 1980s, the golden period of the artist's production, when Mestre Didi began to imprint on his re-creation process of Afro-Brazilian traditions his own personal and inventive mark.

His sculptures express a specific way of thinking, which proposes another manner of relating to reality. When approaching his work, it is important to bear in mind that black culture is plural and cannot be understood as a unit opposed to the exterior world. Each being carries within himself: his family, ancestors and divine entities, and integrates the world by exchanging his vital energy with these partners. Black art is an expression of this and is integrated in a cosmic vision that is difficult to understand in the West, since we are heirs of rational, Cartesian, individualistic and pretentious thought.

The sculptures of Mestre Didi are produced with texture, matter, forms and colors combined according to original wisdom, in which each element has a meaning. As defined by the artist, these are "re-creations" of the mythical world of *Candomblé*, which reveal aesthetic values associated to the sacred, in the exact measure that this revelation is allowed.

As the base for his work, the artist used the so-called “tools” of the *Candomblé* cult: the *xaxarás* and the *ibirís*. His re-creations derive, mainly, from the symbols of the *orixás* of the *Panteão da Terra*, which unite Nanã and her mythical children: *Obaluaiê*, *Oxumaré* and *Ossain*.

In a synthetic manner, according to professor Roberval Marinho, *Òbàlúaiyé* means putrefaction, the transformation of matter, having as its symbol the *Sàsàràà*; *Nàná* is the generator of all things, having as its symbol the *Ibiri*; *Òsumaré* manipulates the energies that transport and propel the vital cycle. As a group and trilogy, these *Òrisà* transport the mystery, death and life (...). *Osáyin* is the entity of the leaves, medicinal or liturgical virtues. Its symbol is an iron staff, topped by a bird, surrounded by six other staffs. (SODRÉ, 2006, p. 165-167).

In relation to form, Mestre Didi’s re-creations express the interaction of mobilization and circulation of the *axé* (vital energy). *Oxumaré*, for example, is represented by a python; the snake that arises from the depths of the earth, reaches the sky with the rainbow, and returns to earth. Its movement is related to the flow of destinies and the diversity of existence. From this symbology, Mestre Didi re-creates his own mythical serpents, and they appear to be alive and excited, with their vibrating contortions emanating pure energy. In the same way, the artist works with the *ibirís*, giving them new configurations and fluttering, which overlap their ritual structure, or implementing the synthetic and hieratic features of the *xaxarás*.

The use of colors in fabrics, clothes, necklaces and beads applied to tools is another essential codification of *Candomblé*, since they symbolize the nature and power of each *orixá*. There are, however, discrepancies in this classification according to different specialists. Mestre Didi learned to prepare the *xaxarás* and *ibirís* when still very young, from his “grandmother” Aninha and his father Arsênio dos Santos, known as *Paizinho*. He, therefore, mastered all these codes and knew in what measure he was allowed to employ the colors in his sculptures.

Other material elements that compose the works of Mestre Didi, also heirs to the magical tools, are bundles of the palm tree ribs, that symbolize the collective representation of the ancestors; leather, which is used for the junctions; and *cauris* (seashells) that belong to Nanã’s symbology, and are related to the ancestors. Their positioning as a cross, “fish bone”, or side by side, also have their meanings: placed two by two, in opposite pairs, for example, they refer to the ascendants and descendants, past and future.

According to several scholars, from the way these elements are developed in the work of Mestre Didi we can say that his sculptural work can be inserted in the category of Sacred Art – an Afro-Brazilian Sacred Art. Within this perspective, we can trace a parallel in the production of Mestre Didi with Russian icons, which are also submitted to rigorous symbology in form, colors and materials, but which did not lose their creative force and resulted in many masterpieces. However, while the icons remind us of the austerity of Catholicism, Mestre Didi’s sculptures express the aesthetic language of *Candomblé* and its pattern of colored, vibrant and warm communication.

This is only one of the possible parallels (always fragile) that could be established with the works of Mestre Didi, but related to a cosmological comprehension of life, an understanding that permeates the art produced in three quarters of the planet: among the people from India, Africa, Japan, China, natives of Brazil, aborigines in Australia, etc. A vision that science has increasingly shown to be correct, as accurately observed by Pierre Gaudibert in the catalogue of the exhibition *Magiciens de la Terre*:

Planet Earth is not only the “blue orange” contemplated by the astronauts, it is a living being, we are told by the scientists, following some of the remote and vivacious beliefs of animism, and numerous esoteric teachings. Anyway, it is ruled by incessant changes and moves in interaction with the whole cosmos. (MARTIN, 1989, p. 18).

In order to bring this exhibition to fruition it was vital to have access to the following books: *A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi* (The influence of Afro-Brazilian religion in the sculptural work of Mestre Didi), by Jaime Sodré, which, besides establishing Mestre Didi’s trajectory, transcends the analysis of the artist’s work, revealing the origins, evolutions and characteristics of *Candomblé* in Brazil, and *Ancestralidade Africana no Brasil – Mestre Didi 80 anos* (African Ancestry in Brazil – Mestre Didi 80 years), by Juana Elbein dos Santos, which, with its abundant iconography, allowed this information to be populated with images. It was also very important to watch the video *Mestre Didi – Arte Ritual* (Mestre Didi- Ritual Art), produced by the *Arte na Escola* (Art in School) project in association with SESC-TV. The documentary, shown at the exhibition, is an extremely rare opportunity to see and hear Mestre Didi, with his quiet words, kind eyes and wise hands.

DENISE MATTAR  
Curator



## MESTRE DIDI / COSMOVISÃO DE UMA REALIDADE MÍTICA



Iaô de Nanã Buruku no Brasil, segurando um ibiri nos braços. Foto: Pierre Verger.

Para alcançar o trabalho do Mestre Didi, cuja obra transita entre as artes visuais e o culto dos ancestrais da África negra, é necessário mergulhar nas raízes da cultura brasileira, baiana, em suas relações passadas e no tempo contínuo. Suas esculturas, que mesmo contemporâneas no sentido das tradições da arte ocidental, são detentoras de amálgamas que se ligam ao trânsito entre a África e o Brasil. Assim, pensar a obra do Mestre apenas enquanto objetos de arte seria um reducionismo equivocado.

Nas sociedades em geral e em seus diversos tempos não é possível pensar em uma cultura absolutamente pura, tampouco elucubrar que um povo possa ser detentor de alguma legitimidade sobre outros. Mestre Didi e sua produção de objetos sacros/esculturas nos trazem justamente essa mescla antropofágica tão defendida na cultura brasileira: diria que o trabalho do Mestre é um dos mais autênticos resultados desse tipo de processo no Brasil. Didi alimenta a alma e busca fontes intrínsecas de seu universo Nagô, que revelam as forças da natureza na relação direta do candomblé e seus orixás com os povos nas duas margens do Atlântico.

É preciso, antes de qualquer coisa, desconstruir alguns conceitos sedimentados pelo senso comum. O ponto de partida é se desvencilhar da ideia deturpada de uma África como um continente de uma só identidade, independentemente da região, tribos, etnias ou povos. Precisamos compreender a África em sua pluralidade e diversidade: um continente formado por diversas culturas, milhares de tribos, dialetos e hábitos diversos. Mas não é só; é preciso lembrar que essas unidades, juntas ou isoladamente consideradas, são potências culturais que continuam a moldar o modo de ver, sentir e de expressar dos mais variados povos da cultura ocidental, desde os tempos mais remotos. Outro ponto intransponível é a impossibilidade de compreender a arte africana com referenciais estéticos e conceituais que não lhe sejam próprios, por uma perspectiva e visões de mundo pautadas em padrões europeus. Paradoxalmente, é a cultura europeia que é substrato histórico das várias culturas do mundo, inclusive a africana.

Deoscoredes Maximiliano dos Santos – Mestre Didi – nasceu em Salvador em 1917, filho biológico de Mãe Senhora, a terceira ialorixá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. Membro integrante desse terreiro até uma viagem à África Ocidental para visitar o reino de Ketú, que se espalha por Nigéria, Benin e Togo. Após essa viagem, surge o Ilê Asipá, terreiro fundado por ele, em 2 de dezembro de 1980, quando recebeu e confirmou o título de Alapini, sacerdote supremo do culto aos Egungun. A maior parte dos terreiros de candomblé tem como razão de existência o culto aos orixás: o Ilê Asipá é de culto aos eguns, ou seja, de adoração principalmente aos ancestrais e à cultura afrodescendente. Nessa mesma viagem, Didi confirma sua descendência da tradicional família Asipá, uma das sete principais famílias que fundaram o reino de Ketú.

O maior contingente de africanos que chegou à Bahia, foi da região do Benin, e sua religião se impôs mesmo com as proibições e perseguições. Expressões culturais de origem africana se consolidaram, principalmente em Salvador, através de séculos de estratégias de sobrevivência, tornando-se presente no cotidiano por meio da religião, da culinária, da música etc. A escravidão desterroou o negro da África, mas não conseguiu apagar seus valores e visões de mundo que sobreviveram no cativo, se transformando em legado, identidade cultural e motivação para produção artística.

Exemplo desse fenômeno raro de continuidade da cultura negra, levando em conta o contexto em que se realiza, temos na cidade de Salvador manifestações rituais e simbólicas, como os afoxés, a capoeira, rodas de samba etc. Nesse conjunto de manifestações, o Candomblé merece atenção especial como manifestação religiosa, prática sociocultural de rituais cotidianos: as segundas feiras de Omolu, as terças de Ogum, os Carurus de São Cosme e Damião, as festas de Iemanjá, o culto a Oxalá, os padês para Exu, os presentes de Oxum. Estes e outros rituais compõem um ciclo de cerimônias de vida social de louvor e agradecimento aos ancestrais.

É importante lembrar que o Candomblé é uma criação brasileira e que apesar da influência da cultura africana, o culto aos orixás nesse formato só acontece no Brasil. Os Terreiros são uma recriação simbólica de toda uma nação africana, são sociedades complexas com códigos de conduta, hierarquias e políticas próprias. Na África cada região cultua apenas um orixá enquanto que no Brasil cada casa cultua vários orixás ao mesmo tempo.

É nesse cenário de ebulição da cultura negra, nessa cidade que é berço do Candomblé e das tradições africanas, nesse contexto religioso ímpar, que surge o Mestre Didi com sua cosmovisão, que vai nas origens para dialogar

com a atualidade. É nas entranhas do tempo que cresce e se forma este artista visual de afirmações e valores afro-brasileiros e educador preocupado com a permanência da cultura lorubá.

Nas palavras de Jaime Sodré no seu livro “A Influência da Religião Afro-Brasileira na Obra Escultórica de Mestre Didi”:

O Candomblé é, então, o veículo possível de sobrevivência, referência e resistência de uma cultura étnica produzida pela presença escrava no Brasil e é, também, a possibilidade de manutenção de uma identidade e solidariedade que o violento processo escravocrata não conseguiu extinguir. É, portanto, o repertório mitológico de codificações simbólicas dos Òrisá, inspiradores, em diversos níveis, do fazer artístico de muitos, porém em gradação de conhecimentos básicos fundamentais, que vão da profundidade e domínio completo desse universo, como é o caso do Mestre Didi, aos que se limitam às informações corriqueiras, às vezes infundadas. (SODRÉ, 2006).

Assim como na obra de Mario Cravo Jr, Mario Cravo Neto, Rubem Valentim ou Tarsila do Amaral, na obra do Mestre Didi não é diferente: também não romantiza, apenas deglute a cultura brasileira, nas suas matrizes, e as apresenta enquanto realidade transfigurada dos objetos ritualísticos de seu culto para uma linguagem contemporânea e universal. Sem esquecer a dura poesia do povo negro na Bahia, seu ponto de partida são os quatro Orixás do Panteão da Terra que compõem um grupo de orixás que estão relacionados com o elemento terra e, portanto, intimamente ligados com a ancestralidade e com o Culto aos Eguns.

Esses orixás são: Obaluaiê, que representa o princípio masculino do Panteão da Terra, filho abandonado por Nanã e adotado por Iemanjá, deus da varíola, das doenças contagiosas e da cura. Por isso, esconde o segredo da vida e da morte. Nanã Buruku, que é o princípio feminino, divindade muito antiga das chuvas, dos mangues, do pântano, da lama, senhora da morte, e responsável pelos portais de entrada (reencarnação) e saída (desencarnação). Oxumaré, que é a serpente-arco-íris, é movimento, mobilidade e atividade, seu trabalho consiste em recolher toda a água caída das chuvas, e levá-la de volta às nuvens; representa o completo ciclo da existência. E Ossain, orixá patrono da vegetação, o grande sacerdote íntegro das folhas, a sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem sua presença, sendo ele detentor do axé, imprescindível até mesmo aos próprios deuses.

Para Didi, assim como para os demais escultores africanos, as obras são realidade mítica, representam um lugar de elevação e ligação com o sagrado. A importância da verticalidade e da simetria traduzem valores de natureza estética, formas totêmicas em direção ao infinito, numa busca constante de conexão com sagrado, com o mundo espiritual, o que, confirma a impossibilidade de separar o artista do sacerdote e de sua religião. Essa conectividade faz parte da visão de mundo dos africanos, portanto, de seus ancestrais. Para seu povo tudo está conectado; homem, vida, morte, forças da natureza. Tudo está relacionado ao funcionamento do cosmo e um não age sem o outro.

O artista usa como referência emblemas tradicionais do universo Nagô, transmite os costumes, hierarquias, línguas, concepções estéticas, dramatizações, literatura e mitologia dos povos africanos, sobretudo a sua religião, e utiliza de profundo conhecimento simbólico para a escolha dos materiais de suas esculturas. Materiais retirados da natureza, como palhas e nervuras de palmeiras, couro, contas e búzios, e nas cores utilizadas que remetem a princípios sagrados, tendo por base o arco-íris.

Como em todo processo criativo, o imaginário pessoal do artista recria formas e novas possibilidades para suas esculturas. Didi ao mesmo tempo em que se inspira e transfigura os emblemas e símbolos de suas tradições, também é livre ao multiplicar cores e materiais que não têm propósito religioso, apenas evidenciam uma visão cultural particular. As obras surgem a partir da própria maneira do artista de ver, vivenciar e associar, para assim criar seu vocabulário escultórico contemporâneo particular.

A importância e originalidade da obra de Mestre Didi é deflagrada através da antropofagia da cultura africana para criar uma obra única brasileira. Assim como Tarsila do Amaral o fez em relação a cultura indígena, Didi posteriormente veio para nos lembrar a pluralidade brasileira e as diversas possibilidades de matrizes inspiradoras para a criação e recriação de algo autêntico, único e original lastreado em uma das culturas que deram origem ao Brasil. Oswald de Andrade afirma no seu manifesto, *"só a antropofagia nos une!"*

THAIS DARZÉ



ESO ODE IBO  
Serpente do caçador místico, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
30 x 69 x 40 cm

# MESTRE DIDI / A COSMIC VISION OF A MYTHICAL REALITY

ENGLISH VERSION



Foto: Mario Cravo Neto.

To acknowledge the work of Mestre Didi, whose *oeuvre* travels between visual arts and the rituals of his black African ancestors, it is necessary to dive into the roots of Brazilian and Bahian culture, in its past relations and throughout time. His sculptures, which, though contemporary in the sense of western art traditions, bear the bonds that connect through these travels between Africa and Brazil. Thus, to think of the works of Mestre solely as objects of art would be a mistaken simplification.

In society in general and throughout the ages, it is neither possible to think of an absolutely pure culture, nor to imagine that one nation could hold any legitimacy over another. Mestre Didi and his production of sacred objects/sculptures brings us precisely this anthropophagical blend that is so strongly defended by Brazilian culture: I would say that the work of Mestre Didi is one of the most authentic results of this kind of process in Brazil. Didi feeds the soul and seeks intrinsic sources in his Nagô universe, which reveals the forces of nature in the direct relationship of *candomblé* and its *orixás* with the peoples on both sides of the Atlantic.

Before going any further, it is necessary to deconstruct some concepts rooted by common sense. The starting point is to get rid of the misplaced idea of Africa as a continent with a single identity, irrespective of the region, tribes, ethnicity or peoples. We must understand Africa in its multiplicity and diversity, a continent formed by several cultures, thousands of tribes, dialects and habits. But this is not all; one should remember that these units, considered jointly or individually, are cultural powers that continue to mold the way the most varied people in the western culture see, feel and express themselves, since the most distant times. Another unbridgeable point is the impossibility of understanding African art as aesthetic and conceptual references that are not their own, from a perspective and vision of the world based on European standards.

Paradoxically, it is the European culture that is the historical substrate of different world cultures, including the African.

Deoscóredes Maximiliano dos Santos – Mestre Didi – was born in Salvador, in 1917, the biological son of Mãe Senhora, third *ialorixá* of the *Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá*. He was a member of this *terreiro* until he traveled to West Africa to visit the kingdom of Ketú, which spreads over Nigeria, Benin and Togo. After this trip, the *Ilê Asipá* emerges. This is a *terreiro* founded by him, on December 2, 1980, when he was granted and accepted the title of *Alapini*, high-priest of the Egungun cult. Most of the *terreiros* of *candomblé* have as their reason for existing the worship of the *orixás*: *Ilê Asipá* worships the *eguns*, in other words, mainly worshipping their ancestors and the Afro-descendant culture. On this same trip, Didi confirms his lineage from the traditional *Asipá* family, one of the seven most important families that founded the kingdom of Ketú.

The largest contingent of Africans to arrive in Bahia was from the region of Benin, and their religion took root in spite of prohibitions and persecutions. Cultural expressions of African origin were consolidated, especially in Salvador, through centuries of survival strategies, becoming active in daily life through religion, cooking, and music, etc. Slavery displaced the black African, but was unable to extinguish his values and vision of the world that survived in captivity, being transformed into a legacy, cultural identity and incentive for artistic production.

Taking into account the context in which it occurs, as an example of this rare phenomenon of the continuity of the black culture we have in the city of Salvador rituals and emblematic manifestations, such as the *afoxés*, *capoeira*, samba sessions, etc. From this group of manifestations, *Candomblé* deserves special attention as a religious event, a social-cultural practice with daily rituals: on Mondays for *Omolu*, Tuesdays for *Ogum*, the *Carurus* of Saint Cosme and Damião, the feasts of Iemanjá, the worshipping of *Oxalá*, the *padês* for *Exu*, and the gifts for *Oxum*. These and other rituals form a cycle of social life ceremonies of praise and thanks to their ancestors.

It is important to remember that *Candomblé* is a Brazilian creation and that despite the influence of African culture, the worship of the *orixás* in this format only occurs in Brazil. The *Terreiros* are an emblematic recreation of a whole African nation and are complex societies with their own codes of conduct, hierarchies and policies. In Africa, each region worships only one *orixá*, while in Brazil each house worships several *orixás* at the same time.

It is in this scenario of ebullition of black culture, in this city that is the cradle of *Candomblé* and of African traditions and in this unique religious context that Mestre Didi appears with his cosmic vision, which gives birth to the dialogue with this day and age. It is in the entrails of time that this visual artist with Afro-Brazilian assertions and values grows up and is formed as an educator concerned with the permanence of the *Iorubá* culture.

In the words of Jaime Sodré in his book *A Influência da Religião Afro-Brasileira na Obra Escultórica de Mestre Didi* (The Influence of the Afro-Brazilian Religion in the Sculptural Work of Mestre Didi):

Candomblé is, then, the possible vehicle for survival, reference and resistance of an ethnic culture produced by the presence of slaves in Brazil, and also, the possibility of maintaining an identity and solidarity that the violent slavery process was unable to extinguish. It is, therefore, the mythological repertoire of symbolic codifications of the *Òrisá*, inspirers, on several levels, of the artistic production of many, though in gradual progression with fundamentally basic knowledge, which go from the complete depth and domination of this universe, as is the case of Mestre Didi, to those who are restricted to commonplace, sometimes unfounded, information.

As in the work of Mario Cravo Jr, Mario Cravo Neto, Rubem Valentim or Tarsila do Amaral, in the works of Mestre Didi this is no different: he also does not romanticize, he simply swallows Brazilian culture, in its matrix, and presents it as a transfigured reality of the ritualistic objects of his cult to a contemporary and universal language. Without neglecting the tough poetry of the black people in Bahia, his starting point is the four *Orixás* from the *Panteão da Terra* that make up a group of *orixás* that are related to the Earth element and, thus, intimately connected to the ancestry and to the worship of the *Eguns*.

These *orixás* are: *Obaluaiê*, who represents the male principle of the *Panteão da Terra*, a son abandoned by *Nanã* and adopted by Iemanjá, god of smallpox, contagious diseases and of cure. Thus, it holds the secret of life and death; *Nanã Buruku*, is the female principle, an ancient divinity of rains, swamps, mud, lady of death, and responsible for the entry (reincarnation) and exit (disembodiment) portals; *Oxumaré*, that is the rainbow-serpent, is movement, mobility and activity, its work consists of collecting all the fallen rainwater, and taking it back to the clouds. It represents the complete cycle of existence; and *Ossain*, *orixá*, the

patron of vegetation, the righteous high-priest of leaves; its importance is fundamental since no ceremony can be celebrated without its presence, as it is the bearer of *axé*, mandatory even for the gods themselves.

For Didi, as for the other African sculptors, these works are a mythical reality, representing a place of exaltation and bonding with the sacred. The importance of verticality and symmetry show the values of aesthetic nature, totem forms climbing to the infinite, in a constant search to connect with the sacred, with the spiritual world, which confirms the impossibility of separating the artist from the high-priest and from his religion. This connectivity is part of the African vision of the world, thus, of their ancestors. For them everything is connected: man, life, death, forces of nature. Everything is related to the workings of the cosmos and one doesn't act without the other.

The artist uses as a reference traditional symbols of the Nagô universe, transmitting customs, hierarchies, languages, aesthetic conceptions, dramatizations, literature and mythology of the African nations, above all of their religion, and uses in-depth symbolic knowledge to choose the materials for his sculptures. Material taken from nature, such as straw and palm tree ribs, leather, beads and seashells, and uses the colors that refer to sacred principles, based on the rainbow.

As in all creative processes, the artist's personal imagery re-creates forms and new possibilities for his sculptures. While Didi is, at the same time, inspired by and transfigures emblems and symbols of his traditions, he is also free to multiply colors and materials that have no religious intent, but are only evidence of a specific culture. The work emerges from the artist's singular manner of seeing, living and associating, thus creating his own specific contemporary sculptural vocabulary.

The importance and uniqueness of Mestre Didi's work is triggered by the anthropophagy of the African culture in order to create a singularly Brazilian *oeuvre*. Just as Tarsila do Amaral did in relation to indigenous culture, Didi later came to remind us of the Brazilian plurality and the different possibilities of inspiring models for the creation and re-creation of something authentic, unique and original supported by one of the cultures that gave origin to Brazil. Oswald de Andrade, in his manifest, stated that: "*only anthropophagy unites us*."

THAIS DARZÉ



IWIN IGI N'LA  
Grande Espírito da Árvore, 1979  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
187 x 51 x 15 cm



OBRAS



**XAXARÁ IONA**  
Xaxará que abre os Caminhos, déc. 1970  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
51 x 13 x 8 cm



**GBIBI IGBO**  
Galho do Mistério, déc. 1970  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
82 x 16 x 8 cm





**XAXARÁ LEWA**  
Xaxará Mais Belo, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
62 x 10 x 10 cm



**XAXARÁ IGBA MEJI**  
Xaxará com duas cabaças, s/d  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
63 x 19 x 11 cm



XAXARÁ ATI AXÓ AYO  
Xaxará da Roupas Alegre, s/d  
Nervura de palmeira, couro, búzios, palha da costa  
70 x 15 x 7 cm



XAXARÁ AXÓ PUPA  
Xaxará da Roupas Vermelha, 1960  
Nervura de palmeira, couro, búzios, palha da costa  
60 x 25 x 10 cm

IWIN IGI NLA  
Majestoso Ancestral da Árvore, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
187 x 50 x 17 cm





OPA ORUM EXIM AYE  
Cetro do Além com a Flexa do Panteão, déc. 1990  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
225 x 70 x 18 cm



OPA IBIRI IDILE ATÉ  
Cetro dos Ibiri da Anciã da Terra, déc. 1990  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
200 x 63 x 19 cm

IWIN OLÁ ATI EYE LOKE  
Majestoso Ancestral da Árvore com um Pássaro no Alto, 1978  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
197 x 85 x 25 cm



OPE OLODO EJO  
Palma da Serpente do Rio, s/d  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
72 x 19 x 23 cm





EJO ORI ATI ERU WAJI  
Serpente da Cabeça e Rabo Azul, déc. 1980  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
30 x 75 x 10 cm



IGI IKOJA ATI EJO  
Árvore da Serpente do Além, déc. 1980  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
94 x 56 x 14 cm

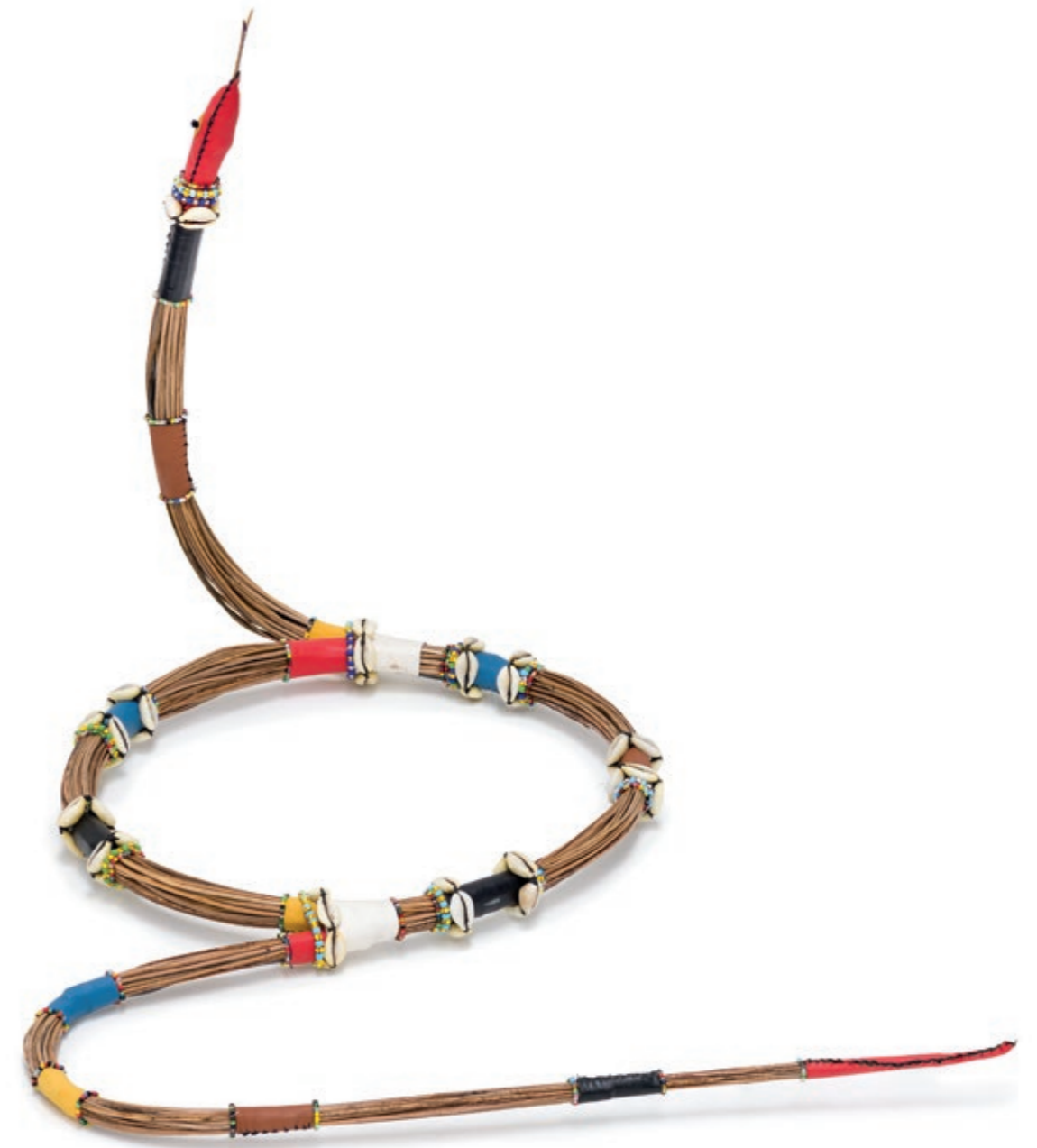


**OPA EXIN KEKERE**  
Pequeno Cetro da Lança, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
100 x 44 x 15 cm



**EJO AWURO**  
Serpente da Madrugada, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
30 x 68 x 15 cm





EJO ORUN ORI PUPA  
Serpente Mística da Cabeça Vermelha, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
40 x 34 x 62 cm



OPA EXIN EDA OHUNKOHUN  
Cetro da Lança e Força da Natureza, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
152 x 50 x 15 cm



OPÁ EXIM ATI EJÓ MEJI  
Cetro com lança e duas serpentes, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
202 x 62 x 20 cm

EYE INLA LYA  
Grande Pássaro Ancestral, s/d  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
150 x 90 x 20 cm





OPÁ OMO EDÁ  
Cetro do Filho da Natureza, déc.1960  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
165 x 25 x 16 cm



OPA ORUN EYE IOKE  
Cetro do Além Místico com Pássaro, 1982  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
212 x 32 x 21 cm

OPA IBIRI LEWA OHUNKOHUN  
Cetro da Grande Mãe Anciã Beleza da Natureza, 1987  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
204 x 55 x 20 cm



OPÁ IBIRI MERIN EYELOKE ATI EJO  
Cetro dos Quatro Ibirí com Pássaro no Topo e uma Serpente, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
100 x 40 x 28 cm





OPA IBIRI MERIN ATI EJO MEJI  
Cetro dos Quatro Ibiri com Duas Serpentes, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
152 x 75 x 15 cm



OPA IBIRI MERIN NILÉ ATI EYE LOKE  
Cetro dos Quatro Ibiri com um Pássaro no Alto, s/d  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
111 x 33 x 10 cm  
Coleção Particular – São Paulo - SP



OPA IBIRI MERIN ATI EYE  
Cetro dos Quatro Ibiri com Pássaro na Ponta, déc. 1980  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
85 x 39 x 14 cm



OPA IBIRI LEWA  
Cetro do Panteão da Terra, déc. 1980  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
80 x 40 x 12 cm



EYLÉ N'LA  
Pomba mítica, 1985  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
170 x 60 x 118 cm





EYE NLA AGBA  
Grande Pássaro Ancestral, s/d  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
44 x 70 x 110 cm



**IBIRI**  
Cetro do Panteão da Terra , déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
72 x 15 x 13 cm



**IBIRI ATI IGBA MEJI**  
Ibiri com Duas Cabaças, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
69 x 22 x 12 cm



**IBIRI AYE LÊ**  
Ibiri do Panteão da Terra, s/d  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
65 x 8 x 15 cm  
Coleção Particular – Salvador - BA



**IBIRI, s/d**  
Palha, couro pintado, búzios e contas  
62,5 x 12 x 12 cm  
Coleção Particular – Salvador - BA

OPA OPE IBIRI ATI EXIN MEJI  
Cetro da Grande Mãe Anciã com Duas Lanças, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
120 x 57 x 21 cm





OPE IYA AGBA NILÉ  
Palma da Grande Mãe Ancestral, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
112 x 38 x 20 cm



OPA OPE IBIRI LODO  
Cetro da Palma do Rio com Dois Ibiri, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
140 x 36 x 12,5 cm

OPA IWIN IGI IGBO  
Espírito da Árvore da Floresta, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
138 x 50 x 15 cm





**OPA IBIRI META NILÊ**  
Cetro dos Três Ibirí da Terra, s/d  
Nervura de palmeira, couro, búzios e contas  
92 x 24 x 09 cm  
Coleção Particular – São Paulo - SP



**OMO OBÁ AYE**  
Filho do Rei da Terra, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa  
106 x 60 x 15 cm



AWON ICBA NICE  
Panteão da Terra, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
104 x 24 x 12 cm





OPÁ ODÉ OLOROWO  
Cetro do Caçador Misterioso, s/d  
Nervura de palmeira, couro, contas e búzios  
113 x 34 x 11 cm  
Coleção Particular – Salvador - BA



OPA OMO OFÁ DÊ  
Cetro da Primeira Flecha Mística, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
121 x 23 x 15 cm



OPA OFA IODE  
Cetro da Flecha que Vigia o Caminho, déc. 1980  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
126 x 44 x 14 cm



OPA ALAGBARA  
Cetro da Força Mística, déc. 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas  
136 x 80 x 15 cm

IBI AGBARA  
Nascente do Poder Místico, 1976  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
180 x 50 x 20 cm



EYIN OLORUN  
Louva Deus, 1979  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
184 x 65 x 45 cm



AGEMON  
Grande Carocha, 1987  
Palha, couro pintado e contas coloridas  
141 x 73 x 20 cm





CRONOLOGIA

1917



Nasce em Salvador, a 2 de dezembro, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, que ficaria conhecido como "Mestre Didi", filho de Arsênio dos Santos, um grande alfaiate baiano, "Paizinho", Alabá da tradição Egungun, e Maria Bibiana do Espirito Santo, "Mãe Senhora", Yalorixá da casa de culto Ilê Axé Opô Afonjá, guardiã da cultura Iorubá, da tradição Nagô e descendente da tradicional família Asipá da Nação Ketú, Nigéria, África.

O pequeno Didi com aproximadamente 4 anos.



Arsênio dos Santos e Maria Bibiana do Espirito Santo, pais de Mestre Didi.

1925

É iniciado por Tio Marcos, Alapini, no culto aos Egungun, os ancestrais masculinos de tradição Oyó. Arsênio, seu pai, também conhecido por Alabá Paizinho daria continuidade a sua iniciação no Ilê Agboulá, na Ilha de Itaparica, na Bahia. Nesse ano Didi recebe o título de Ojé Korikowé Olokutun.



O jovem Didi cultivou a elegância no vestir-se legada por seu pai.

1936

Criado desde menino nos rituais do Opô Afonjá, aos 18 anos é designado Bopê Oiá, da casa de Oyá, e recebe o posto de Assogbá (Supremo Sacerdote do culto de Obaluaiyê).

1938

Nesse ano Mãe Senhora assume as funções de lalorixá no Ilê Axé Opô Afonjá (Casa sob o comando e sustento do cajado de Afonjá), após a morte de Mãe Aninha, a fundadora da casa. Mestre Didi recebe o título de Babá L'Ossanyin.



Mãe Aninha, avó espiritual de Mestre Didi.



O Ilê Axé Opô Afonjá foi fundado por Mãe Aninha e Tio Joaquim, Obá Sayá, em 1910, e serviu como modelo para outros, de várias nações. O Ilê Axé Opô Afonjá é tombado desde o ano 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (Foto de Pierre Verger).

1946

Nasce sua primeira filha Nídia Maria Santos, Nidinha. Com a esposa Edvaldina teria ainda mais duas filhas, Iara e Inaicyra.

Publica uma primeira listagem de vocabulário Iorubá-Português, o "Iorubá tal Qual se Fala", pela Tipografia Moderna, Bahia. Desde cedo Mestre Didi esteve preocupado com os fundamentos e estudos do ritual do Candomblé e aprende a língua litúrgica, o Iorubá. A publicação do vocabulário incentivou a criação, em 1960, da cadeira voltada ao ensino da língua na Universidade Federal da Bahia.



Mestre Didi e suas filhas Iara, Inaicyra e Nidia em 1998. (Foto Arlete Soares).



1952

Mãe Senhora recebe de Pierre Verger, recém-chegado de viagem a África, recomendações do Obá Adeniran Adeyemi, Alafin Oyó, acompanhadas de uma carta concedendo a ela o título de Iansã, o que a tornaria espiritualmente a fundadora da família de terreiros Asipá na Bahia.



Zélia Gattai, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Jorge Amado visitam Mãe Senhora em 1959.

1961



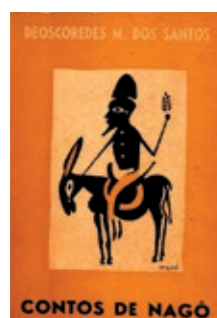
Incentivado pelo amigo e embaixador do Brasil na Nigéria, Antônio Olinto, publica "Contos Negros da Bahia", Edições GRD, com ilustrações de Carybé, a primeira coletânea de contos populares de ascendência africana, recolhida por ele da tradição oral, transmitida de geração em geração.

1962

Publica "História de Um Terreiro Nagô", 1ª edição, Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 2ª edição, Editora Max Limonad, 1988.

1963

Publica "Contos de Nagô", Edições GRD, Rio de Janeiro.



1964

Realiza a primeira exposição de suas esculturas artísticas na Galeria Ralf, Salvador. Na Galeria Bonino, Rio de Janeiro, apresenta a exposição *Emblemas de Orixá*.



1965

Realiza exposição na Galeria El Altillo, Buenos Aires, Argentina. No mesmo ano apresenta *Esculturas e Emblemas de Orixá*, na Galeria Atrium, São Paulo, SP.



Mãe Senhora e Carybé. (Foto de Mário Cravo Neto, 1965).

1966

Participa da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, realizado no Convento de Nossa Senhora do Carmo, Salvador, BA. O evento, que também ficou conhecido como Bienal da Bahia, se destacou pela tentativa de descentralização e teve grande repercussão no meio artístico nacional.

Realiza a exposição *Didi - Arte Sacra Afro-Bahiana*, na Galeria G4, Rio de Janeiro, RJ.



Publica o livro "Porque Oxalá usa Ekodidé", Ed. Cavaleiro da Lua.



Mestre Didi e Juana Elbein no dia de seu casamento na Embaixada do Brasil em Londres.

1967



Mãe Senhora ladeada por integrantes do Ilê Axé Opô Afonjá. (Foto Arquivo JSSJr).

Mãe Senhora falece, subitamente, em 22 de fevereiro. Mestre Didi estava em viagem no Reino de Ketú, atualmente parte da Nigéria, África, e não pode participar das solenidades.

...

Nessa viagem, patrocinada pela UNESCO, Mestre Didi realizaria pesquisa comparada sobre os aspectos rituais e formais da arte sacra tradicional africana e afro-brasileira, que fortaleceram os aspectos estéticos e conceituais de sua obra como artista plástico.



Mestre Didi visita na cidade de Ifé, Nigéria, o marco em granito de Opa Oraniyan, que caracteriza a saga da entidade fundadora do império Iorubá.

Acompanhado por Pierre Verger e Juana Elbein, visita o Rei da Nação Ketú. Mestre Didi recita canções tradicionais e o Oriki (ou Orilé, brasão oral) da família, "Asipá Borogun Elesé Kan Gungôô", identificando ser descendente da família Asipá, uma das sete principais famílias fundadoras do Reino de Ketú.



Com seus parentes Asipá de Ketú, visita o sitio Kosiku, em Ketú, Nigéria.



Realiza exposição *Afro-Brazilian Sacred-Art - Didi dos Santos*, Nigéria Trenchard Hall, Ibadan, Nigéria.



1968

Participa da Exposição Internacional de Arte Afro-Brasileira, no Museum of Antiquities, Lagos, Nigéria, inaugurada pelo Ministro das Relações Exteriores do Senegal.

1969

Participa da Exposição Internacional de Arte Afro-Brasileira, Ghana National Museum, Acra, Gana, apresentada também no Musée Dynamique, Dakar, Senegal.



Na foto, em procissão com o Laba, a sacola contendo todas as insígnias rituais.

1970

Realiza exposição no Art et Culture Afro-Brésiliens, sala especial, Palácio da Unesco, Paris, França.

...

Realiza nova viagem patrocinada pela UNESCO para a África, quando recebe a confirmação do título de Balé Xangô, do tradicional Axé Xangô, linhagem dos Asipá, conferido e instalado no templo de Xangô, em Oyó, na Nigéria.

1971



Mestre Didi com o Adido Cultural do Brasil em Londres, Antônio Olinto, durante a abertura da exposição *Afro-Brazilian Art*, realizada no African Centre, Londres, Inglaterra.

1973



Realiza exposição *Mestre Didi y el Arte Afro-Brasileiro*, sala especial, Galeria Rubbers, Buenos Aires, Argentina.

1974

Participa da exposição de Arte Sacra Negra com sala especial, realizada no Palácio das Convenções, São Paulo, SP.



Montagem da peça "Porque Oxalá Usa Ekodidé", com coreografia de Clyde Morgan, na Universidade Federal da Bahia, Salvador; rerepresentada na Semana Afro-Brasileira, no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, onde o artista teve uma sala especial.

1976

Publica "Contos Crioulos da Bahia" pela editora Vozes, Petrópolis.

1975



Recebe o título de Alapini (Sumo Sacerdote), um elevado posto da hierarquia sacerdotal no culto dos ancestrais Egun. (Foto: Paula Pape).

1980



Mestre Didi na década de 1980

Participa da 1ª Conferência Mundial da Tradição dos Orixá e Cultura (COMTOC), realizada na cidade de Ilê Ifé, na Nigéria, organizada pelo Departamento de Leitura e Língua Africana da Universidade de Ifé, com apoio do Caribbean Cultural Center e da Sociedade de Estudos da Cultura Negra do Brasil (SECNEB).

1983

Participa do 2º COMTOC, realizado em Salvador, Bahia, Brasil.

...

Recebe o título de Babá Mogbá Oni Xangô, conferido pelo Alaketu, no Palácio de Ketú, Nigéria, África.

1986

Participa do 3º COMTOC, realizado em Nova York, no Hunter College, com representantes dos EUA, Caribe, África e uma expressiva delegação brasileira.

...

Tem sala especial na exposição *Arte Sacra Negra*, no Vitória Hall, Salvador, BA.

1981

Publica o livro "Contos de Mestre Didi" pela editora Codecri, Rio de Janeiro.



1984

Participa da exposição *Bahia África - África Bahia*, no Museu de Arte da Bahia, Palácio da Vitória, Salvador, BA e de Tradição dos Orixás Religião e Negritude, Auditório IMACO, Belo Horizonte, MG.



Realização da exposição *Mestre Didi* no Schomburg Center for Research in Black Culture, Nova York, Estados Unidos.

1987

Participa da criação do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INTECAB), durante o 1º Encontro da Tradição dos Orixá e Cultura, realizado em Salvador, no Ilê Opô Afonjá. Mestre Didi se torna o coordenador do recém-criado Conselho Religioso.

Realiza a exposição *Mestre Didi Memória e Afirmção Existencial*, Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA.

Publica "Xangô, el guerrero conquistador y otros cuentos de Bahia", Ediciones Silva Diaz, Buenos Aires, Argentina, e "Contes noirs de Bahia", tradução francesa de Lyne Stone, Ed. Karthale.

1988



Durante o FEMADUM, Festival de Olodum, apresenta réplica da escultura Opá Exin Ati Eyé Meji, executada por Óscar Ramos. A peça com 12 metros de altura foi instalada no Largo do Pelourinho, Salvador, BA. O cetro representa a ancestralidade, que assegura descendência, expansão e continuidade.

Participa das exposições: *A Mão Afro-Brasileira*, com curadoria de Emanuel Araújo, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) São Paulo, SP; *A Presença do Sagrado na Escultura de Mestre Didi*, sala especial, Escravidão Congresso Internacional, Universidade de São Paulo, SP.

Publica "História da Criação do Mundo" com ilustrações de Adão Pinheiro.

1989

Mestre Didi integra a emblemática exposição internacional *Magiciens de la Terre*, realizada no Centre Georges Pompidou, Paris, França. A exposição foi concebida pelo curador Jean-Hubert Martin que apresentou lado a lado obras de artistas ocidentais e não-ocidentais, numa tentativa de subverter a ilusão de superioridade eurocêntrica e a ideia de uma arte primitiva. Outros dois artistas brasileiros também foram convidados, Cildo Meireles e Ronaldo Pereira Rego.



Capa do catálogo e vista da montagem na exposição *Magiciens de la Terre*.

Participa ainda da exposição *Art In Latin América*, na Hayward Gallery, Londres, Inglaterra.

1990



Mestre Didi e Lygia Pape no lançamento de seu livro "Ajaká - Iniciação para Liberdade", Edições SECNEB, tiragem de 500 exemplares.

1991

Participa da Semana Afro-Brasileira, Fundação Cultural de Ilhéus, BA.

1992

Realiza exposição individual *A Presença do Sagrado na Escultura de Mestre Didi*, no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (IBEU), Rio de Janeiro. Na foto: Abdias Nascimento, Antônio Olinto, Mestre Didi, Esther Emilio Carlos, Paula Pape e Márcio Doctors.



1993

Realiza exposição *Mestre Didi* na Galeria Prova do Artista, Centro Histórico Pelourinho, Salvador, BA.



1994

Realiza as exposições:

*Mestre Didi*, Galeria Prova do Artista no Hotel Sofitel, Salvador, Brasil; Galeria de Arte no Centro Histórico de Salvador, BA.

*Os Herdeiros da Noite: Fragmentos do Imaginário Negro*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP; Espaço Cultural Renato Russo, 508 Sul, Brasília, DF; Centro Cultural de Belo Horizonte, MG.

*Arte e Religiosidade Afro-Brasileira*, 46ª Feira do Livro, Frankfurt, Alemanha.

1996

Recebe homenagem em sala especial na 23ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP.

Realiza exposição *Mestre Didi 80 Anos de Arte* no Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, BA.



Mestre Didi e as obras apresentadas na 23ª Bienal de São Paulo.



Mestre Didi e Jean-Hubert Martin, na época diretor do Museu Nacional de Artes da África e da Oceania de Paris, durante a 23ª Bienal de São Paulo.



Recebe a comenda Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

1997

Participa da exposição *Escultura Brasileira: Perfil de uma Identidade*, realizada no Centro Cultural do BID, Washington, Estados Unidos, e reapresentada no Banco Safra, São Paulo, SP.

1999

Participa da exposição *Arte-Arte Salvador 450 Anos* no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM/BA), Salvador, BA; Fundação Cultural de Curitiba, Solar do Barão Curitiba, PR, e da mostra *100 Artistas Plásticos da Bahia*, Museu de Arte Sacra (MAS), Salvador, BA.

1998

Realiza exposição individual *Mestre Didi Sacred Afro-Brazilian Sculpture*, Miami, Estados Unidos. Participa também da exposição *Fronteiras Dimensões Utópicas*, Itaú Cultural, São Paulo, SP.

2000

Integra a mostra *Brasil + 500 Mostra do Redescobrimto*, Fundação Bienal, São Paulo, SP.



2001

Instalação da obra *Opô Baba N'Laawa, Cetro da Ancestralidade*, reproduzida em bronze com 7 metros de altura. Localizada na Rua da Paciência, Salvador, à beira-mar, a obra é voltada para o continente e tem como fundo a linha do horizonte, simbolizando a ancestralidade do povo brasileiro.



Participa da exposição *Trajatória da Luz na Arte Brasileira*, Itaú Cultural, São Paulo, SP.

2002

Participa da exposição *Brazil: Body and Soul*, curadoria de Edward J. Sullivan, no Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos.



2004

Integra a exposição *Novas Aquisições 2003: Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ).

2007

Participa da *SpArte* representado pela Paulo Darzé Galeria.

2005

Participa do *Panorama de Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, e da mostra *Para Nunca Esquecer - Negras Memórias, Memórias de Negros*, Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, PR.



2008

Realiza as exposições Mestre Didi: O Escultor do Sagrado, curadoria de Emanuel Araújo, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP; e Mestre Didi: Da Ancestralidade à Contemporaneidade, Belo Horizonte, MG.

2011

Reapresentação da exposição *Elos da Lusofonia* no Museu Afro Brasil em São Paulo, SP, e da exposição *Mestre Didi: O Escultor do Sagrado*, Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab), Salvador, BA.

2014

A Galeria Paulo Darzé apresenta obras de Mestre Didi na Frieze Masters, Londres, Inglaterra.



2010

Participa da SpArte representado pela Paulo Darzé Galeria.

...

Integra as exposições *Genealogias do Contemporâneo*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ); *Galeria Ibeu 50 Anos: a contribuição de Esther Emilio Carlos*, Rio de Janeiro, RJ; *Elos da Lusofonia*, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

2013

Falece Mestre Didi em Salvador, Bahia.



Foto: Juan Esteves

Tem obras apresentadas na exposição *Trajatórias - Arte Brasileira na Coleção Fundação Edson Queiroz - Unifor 40 Anos*, Fundação Edson Queiroz, Fortaleza, CE.

2015

Tem obras apresentadas na exposição *Era Só Saudade Dos Que Partiram*, curadoria de Emanuel Araújo, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP.

2017

A Galeria Paulo Darzé dedica seu stand na *SpArte* à apresentação de obras de Mestre Didi.



Esta cronologia foi compilada por Rachel Vallego e Denise Mattar a partir da bibliografia abaixo relacionada e da ordenação das exposições traçada por Claudius Portugal.

...

CAJÉ, Antônio Marcos dos Santos. PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *Os Contos Afro-Brasileiros de Deoscóredes Maximiliano Dos Santos, o Alapini Mestre Didi: Educação, Oralidade, Tradição*. Revista Nós Cultura, Estética e Linguagem, v. 01, n. 02, 2016, p. 139-152.

MARTIN, Jean-Hubert (Org.). *Magiciens de la Terre*. (Catálogo da exposição). Paris: Centre Pompidou e Grande Halle de la Villette, 1989.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. *Espetáculo "Porque Oxalá usa Ekodidé": conto Afro-Brasileiro de origem Yorubá para a História da Dança Baiana*. Comunicação apresentada no IV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade," São Cristóvão – CE / Brasil, 20 a 22 de setembro de 2012.

O'NEILL, Elena. *A escrita atuante de Carl Einstein*. Topoi (Rio J.) vol. 17, n. 32, Rio de Janeiro Jan/Jun, 2016.

SALUM, Marta Heloísa (Lisy) Leuba. *Vistas sobre arte africana no Brasil: lampejos na pista da autoria oculta de objetos afro-brasileiros em museus*. Anais do Museu Paulista, vol. 25, no. 2, São Paulo maio/ago, 2017.

SANTOS, José Felix dos. NÓBREGA, Cida (Org.). *Mãe Senhora – Saudade e Memória*. Salvador: Editora Corrupio, 2000.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Ancestralidade Africana no Brasil – Mestre Didi 80 anos*. Salvador: SECNEB, Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1997.

SODRÉ, Jaime. *A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi*. Salvador: Editora EDUFBA, 2006.



Didi, Mestre, 1917 – 2013

Mestre Didi: Mo qui gbogbo in ( Eu saúdo a todos ) / [textos: Mattar, Denise Darzé, Thais; curadoria: Denise Mattar; co-curadoria: Thais Darzé].  
– São Paulo, SP: Almeida e Dale Galeria de Arte, 2018

112 p.: il. color.; 21 x 30 cm

Catálogo da Exposição realizada na Almeida e Dale Galeria de Arte, São Paulo, de 07 de abril a 26 de maio de 2018.

ISBN 978 858325050-2

1. Didi, Mestre, 1917 – 2013 – Exposições – Catálogos.  
2. Arte Afro-brasileira - E 3. Escultura Afro-brasileira  
4. Cultos Afro-brasileiros. 5. Candomblé I. Mattar, Denise II. Darzé, Thais

Todos os esforços foram feitos no sentido de se localizar e contatar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui publicadas. Colocamo-nos à disposição para qualquer correção ou complementação de créditos que se façam necessárias.

#### ALMEIDA E DALE GALERIA DE ARTE

Rua Caconde, 152, Jardim Paulista – São Paulo. 01425 010.

11 3882 7120 | [galeria@almeidaedale.com.br](mailto:galeria@almeidaedale.com.br) | [www.almeidaedale.com.br](http://www.almeidaedale.com.br)

#### REALIZAÇÃO

GALERIA DE ARTE ALMEIDA E DALE e  
PAULO DARZÉ GALERIA DE ARTE

#### SÓCIOS-PROPRIETÁRIOS

Ana Dale  
Antônio Almeida  
Carlos Dale Jr.

#### DIRETORA

Monica Tachotte

#### CURADORIA

Denise Mattar  
Thais Darzé

#### ASSISTENTE DE CURADORIA

Rachel Vallego

#### DESIGN GRÁFICO

Virgílio Neto

#### PROJETO EXPOGRÁFICO E ILUMINAÇÃO

Guilherme Isnard

#### PRODUÇÃO EXECUTIVA

Amanda Alencar  
Érica Schmatz

#### ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Veronica Souza

#### FOTOGRAFIA

Andrew Kemp  
Jaime Acioli  
Sergio Guerini

#### MONTAGEM

Zurc Produções

#### ASSESSORIA DE IMPRENSA

A4 & Holofote Comunicação

#### VERSÃO PARA INGLÊS

Mônica Mills

#### REVISÃO DE TEXTO

Claudius Portugal

#### EQUIPE

Carlos Rodrigues - Lula  
Daniele Palhano  
Edvaldo Fernandes - Magrão  
Eunice Maria Jesus  
Maria do Socorro dos Santos Macedo  
Miriam Cristina Vieira Lemes  
Ricardo Oliveira  
Sergio Albuquerque

#### SEGURO

Foco Arte – AXA Art Insurance / AXA Corporate  
Solutions Seguros S/A

#### IMPRESSÃO

Ipsis

#### AGRADECIMENTOS

Arte na Escola  
Astrid Fontenelle  
Cica Lima  
Cristina e Roberto Alban  
Christian Cravo  
Evelyn Ioschpe  
Fundação Ioschpe  
Iara Lindberg  
Inaicyra Falcão dos Santos  
Juana Elbein dos Santos  
Julia Bitencourt  
Nídia dos Santos  
Paula Pape  
Paulo Darzé  
Pedro Tourinho  
Regina Pelosi  
Rodrigo Almeida Prado  
Sesc TV  
Vera Ferraz



Esta obra foi produzida por Edições Almeida e Dale em março de 2018,  
composta com a fontes Univers e Tulpen One e impressa pela IPSIS  
em ofsete sobre papel Couché 170 g/m<sup>2</sup> na tiragem de 1.000 exemplares.